

Um “astro” do crime: diversos perfis de Antônio Dó pela imprensa norte-mineira

A “star” of crime: several profiles of Antônio Dó by the north-Minas tabloid press

Rejane Meireles Amaral Rodrigues *

Resumo: As denominadas *fake news* obtiveram uma maquiagem de credibilidade com o uso das novas mídias digitais, passando-se por conhecimento noticioso confiável. Todavia, ainda que a internet tenha corroborado e intensificado sua propagação, a divulgação das notícias falaciosas não é um fenômeno recente e tem movido a história da humanidade desde seus primórdios. A atualidade do debate acerca do falseamento das notícias, as *fake news*, remete-nos à pesquisa outrora feita, em que são analisadas algumas publicações dos jornais da época, cuja “produção cultural” foi alimentada pela história de um fazendeiro que viveu na cidade de São Francisco, localizada no Norte de Minas Gerais, conhecido como Antônio Dó. A vida do sitiante teria sido pacata, como a de qualquer outro sertanejo norte-mineiro, não fosse o fato de ter sido alvo de desmandos locais que se tornaram diversas publicações dos jornais da região, que o retratavam como o mais temido e violento bandoleiro do Alto Médio São Francisco.

Palavras-chave: *Fake news*. Imprensa. Antônio Dó. Violência.

Abstract: The so-called fake news has obtained a credibility makeup with the use of new digital media, becoming as reliable news knowledge. However, even though the Internet has corroborated and intensified its propagation, the dissemination of fallacious news is not a recent phenomenon and has driven the history of humanity since its beginnings. The current debate about the falsification of news, the fake news, reminds us of a research done in the past, in which some publications in newspapers of the time were analyzed. The “cultural production” of the time was fed by the history of a farmer who lived in the city of São Francisco, located in the north part of Minas Gerais, known as Antônio Dó. The life of

* Professora do departamento de História e do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES. Doutora em História Social.

that besieger would have been peacefully like any other person from the north part of Minas Gerais, who are called “sertanejos”, except for the fact that he was the target of local outrages, provoking several publications to be spread in the region's newspapers. They portrayed him as the most fearful and violent gangster in the region of Upper Middle São Francisco.

Keywords: Fake News. Press. Antônio Dó. Violence.

Introdução

A disseminação de notícias falsas, as denominadas *fake news*, obteve uma maquiagem de credibilidade com o uso das novas mídias digitais, passando-se por conhecimento noticioso confiável. Todavia, ainda que a internet tenha corroborado e intensificado a propagação das *fake news*, a divulgação das notícias falaciosas não é um fenômeno recente e tem movido a história da humanidade desde seus primórdios.

Tanto no Brasil como no mundo, há muito, as notícias têm sido urdidas e espalhadas com o objetivo de alterar resultado de eleições, justificar golpes de estado, derrubar reputações públicas, efetivar a manutenção de grandes poderes, entre outros eventos. Em “A Longa História das notícias falsas”, Altares (2019) comenta que

Uma das grandes tragédias do século XX, as matanças maciças promovidas pelos grandes totalitarismos conseguiram se esconder detrás de notícias falsas. [...] foram capazes de construir outra realidade, em que o verdadeiro e o falso eram elementos acessórios. [...] (ALTARES, 2019).

Na atualidade, as *fake news* têm se tornado objeto de discussão, e em diversas situações elas têm influenciado efetivamente na opinião pública. Desde o final do século XIX, em um contexto marcado pela hegemonia da então denominada “imprensa de opinião” ou “imprensa partidária”, os jornais tomaram para si a “função” de fiscalizar instituições estatais e agentes públicos, comprometendo-se, ainda que de modo informal, sob os princípios da objetividade e da imparcialidade, com a pretensão de agregar credibilidade aos fatos relatados (MARQUES, 2018).

Considerando as proposições a respeito de uma imprensa que, já no século passado, ocupava-se de uma produção cultural variada, o universo das pequenas cidades se tornou

fonte inspiradora para as publicações dos jornais locais¹. Era comum, naquela época, a publicação de textos literários, sátiras, crônicas, que abordavam sobre a vida dos habitantes do lugar e suas práticas sociais. Durante a Primeira República, a imprensa norte-mineira divulgava a violência, os mandos e desmandos dos coronéis e personagens violentas, que insurgiam a partir de situações nas quais eram lesados ou expropriados pelos mandatários locais, como parece ser o caso de alguns homens aterrorizantes descritos nas páginas dos jornais da época.

Os jornais eram, ao mesmo tempo, veículo de propaganda e também divulgadores de notícias sobre a política local, a chegada e saída de moradores da região, bem como os diversos acontecimentos sociais. Assim, já naquela época, as publicações dos pequenos jornais das cidades do interior se alimentavam da tradição oral, dos boatos, das fofocas e dos rumores. Entremeados pela propaganda do comércio local, mexericos, badalações e fotografias, os jornais, por meio de suas publicações, reafirmavam papéis sociais e criavam hábitos de uma cidade “civilizada” (D’ÂNGELO, 2001).

A atualidade do debate acerca do falseamento das notícias nos remete à nossa pesquisa do mestrado: “Antônio Dó: um bandido social das margens do Rio São Francisco – 1910/1929” (RODRIGUES, 2004), em que analisamos algumas publicações dos jornais da época, cuja “produção cultural” foi alimentada pela história de um fazendeiro que viveu na cidade de São Francisco, localizada no Norte de Minas Gerais, conhecido como Antônio Dó. A vida do sitiante teria sido pacata, como a de qualquer outro sertanejo norte-mineiro, não fosse o fato de ter sido alvo de diversas publicações dos jornais locais, que o retratavam como o mais temido bandoleiro do Alto Médio São Francisco.

Após ser preso, em 1909, por questões de demarcação de terra com o vizinho, Chico Peba, e somado à mágoa de não ter visto esclarecido o assassinato do seu irmão, Honório Antunes França, Antônio Dó fugiu da delegacia em que estava preso e recrutou um grupo de homens, que com ele passou a fazer “justiça com as próprias mãos”. Ao longo de dezenove anos, Antônio Dó e seu bando percorreu o Norte de Minas, Sul da Bahia e Sul de Goiás, fez alguns trabalhos para coronéis da região, trabalhou por conta própria em um garimpo na região de Paracatu, confrontou-se várias vezes com a Polícia Militar, chamada

¹ Entre os quais, o jornal *Gazeta do Norte*, pesquisado no acervo da Biblioteca do Conservatório Lorenzo Fernandes em Montes Claros. Poesias, recadinhos e músicas eram publicados para prefeitos, vereadores e presidentes da câmara, além de fazendeiros.

de Força Pública na época. O período em que o bando de Dó existiu foi marcado por um excesso de intervenções na administração local por interesses particulares. Os homens que exerciam o poder não limitavam suas ações para conseguir o que queriam, e, conseqüentemente, “retirar” ou eliminar pessoas que não estavam de acordo com suas vontades (RODRIGUES, p. 12, 2004).

Conforme Moreira (2010), Antônio Dó, até o dia de sua primeira peleja com Chico Peba, era um homem inserido na lógica social vigente. O autor comenta que:

Ele, juntamente a seus pais e irmãos, assim que chegaram a São Francisco, se apresentaram ao chefe político local e, por meio do favor, se apossou de uma parcela de terras na qual passou a trabalhar e a viver. “Afilhados” daquele chefe político cumpriram suas obrigações de reciprocidade, apoiando-o politicamente e reproduzindo aquela lógica de favores.

Para a discussão empreendida em nossa pesquisa do mestrado, analisamos alguns jornais locais e verificamos que entre os anos de 1910 e 1930 foram publicados diversos artigos sobre os acontecimentos de São Francisco e de outras pequenas cidades do interior do Estado. Esses artigos reportavam ações de homens que, assim como Antônio Dó, geraram pânico na população dos lugares onde atuaram. A análise dessas reportagens suscitou o interesse em compreender como os jornais evidenciaram esses fatos, quais os discursos estavam por trás dessas publicações e de que forma a imprensa local constituiu a imagem desses homens, em especial, para o caso desse estudo, a imagem de Antônio Dó.

Nessa perspectiva, consideramos que a diversidade de interpretações e o imaginário de terror e violência construído pela imprensa a respeito de personagens como Antônio Dó devem ser ponderados para que possamos entender as versões e silêncios erigidos em torno dessas pessoas, bem como a veracidade das informações expostas nas páginas dos jornais.

Assim, nesse interstício, é possível questionar se as publicações jornalísticas evidenciaram de fato a vida de Antônio Dó e sua tentativa de não se subjugar aos mandos e desmandos dos latifundiários do lugar, rompendo com a ideia de poder monolítico ou de submissão diante do coronelismo. E, da mesma forma, também é possível questionar a sujeição de homens como Antônio Dó ao estado de subordinação política da região, em especial na cidade de São Francisco. Como metodologia empregada para responder a estes questionamentos, iremos lançar em todos os artigos dos jornais aqui agrupados as perguntas

acima mencionadas. Para tal, usaremos como documentos neste texto os seguintes jornais: colunas escritas por correspondentes em Manga, Taiobeiras e São João do Paraíso no Jornal Gazeta do Norte, Gazeta do Norte (21/06/19), Gazeta do Norte (28/7/19). Minas Gerais (13/06/13 e 21/06/13), Estado de Minas – Belo Horizonte (19/11/29), Minas Gerais (19/11/29)². Assim, ao lançar estes questionamentos, traremos a imprensa como objeto de pesquisa histórica, e, como a vida de Antônio Dó foi tema abordado pela imprensa norte mineira no início do século XX, entendemos ser pertinente abordar estes jornais, conforme nos convida a professora Tânia Regina de Luca (PINSKY, 2006, p. III), ou seja, a “História por meio dos periódicos”.

Imaginário, imprensa e bandidismo: o norte de Minas em manchete

No período denominado Primeira República, a imprensa escrita tinha o poder de difusão, visto que era o maior veículo de comunicação. Apesar de circular apenas entre a elite, pois grande parte da população não era alfabetizada e o alto custo do jornal o tornava acessível somente para uma pequena parcela, constam registros de que naquele período foram fundados 39 jornais no Brasil, sendo a maioria na região sudeste, principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Os artigos dos jornais locais registraram a história de Antônio Dó em vários momentos e de várias formas. Algumas reportagens retratam o personagem no período em que os fatos aconteceram e outras apenas expõem comentários sobre a repercussão da história de vida do sitiante. Essas reportagens, tanto as que retratam os fatos quanto as que somente apresentam comentários posteriores a eles, contribuíram de alguma forma para que a história de Antônio Dó não se perdesse no tempo³. Também, a nosso ver, essas publicações, além de identificar quem foi Antônio Dó, engendraram uma concepção do que era o norte de Minas nos idos da Primeira República.

Galvão (1994) considera que a imprensa perpetua o acontecimento histórico e divulga as matérias apresentando “discurso vivo e variado” (GALVÃO, 1994, p.11), dando a impressão de que se está vivendo o fato. Ainda segundo Galvão, por meio de suas publicações, o jornal

² Salientamos que não utilizamos Análise do Discurso e nem Análise de Conteúdo, pois ambas as metodologias requerem um número maior de documentos, entretanto, o problema apresentado em nossa pesquisa pode ser facilmente respondido sem a necessidade de muitos jornais.

³ A imprensa, ao registrar os acontecimentos do cotidiano, revela o modo de viver e sentir ao longo do tempo, construindo uma perspectiva de nossa memória cultural.

notícia o acontecimento no momento em que ocorre, tratando-se, portanto, de um discurso vivo, que trabalha diretamente com o acontecimento e com os envolvidos. Conforme observa a autora, no ato da redação do texto, o jornal tanto pode trazer o discurso ou a versão de quem escreveu a notícia, bem como atender a versão de alguma das partes interessadas.

A utilização do jornal como instrumento de poder foi trabalhada pela professora Galvão, na obra “No Calor da Hora” (GALVÃO, 1994). Na referida obra, a autora debate a respeito dos discursos que os jornais divulgaram acerca dos fatos ocorridos em Canudos, bem como a “imagem” que os jornalistas produziam sobre a localidade. Para Galvão, o jornal era o mais eficiente veículo de comunicação de massa no Brasil no final do século, dada a assombrosa quantidade de jornais e revistas que circularam no país naquele período.

Ainda conforme Walnice Galvão (1994), quase sempre, as publicações dos jornais da época eram utilizadas como meio de intimidar as pessoas ou mesmo criar estereótipos. Eram inúmeras as ameaças e pressões, insultos e críticas a determinados comportamentos, sendo, nesse sentido, espaço de confronto político:

Justamente por ser o veículo de comunicação de massa mais eficaz, é igualmente inacreditável o nível dos escritos estampados, particularmente nos jornais mais antigos e nos de pequenas cidades (mas não só). Cartas anônimas ou declarações assinadas, contendo acusações caluniosas da maior gravidade sobre a vida particular das pessoas, vazadas em linguagem não só incorreta, mas de calão, e que indicam, no mínimo, uma grande liberdade de imprensa, são corriqueiras. É verdade que os crimes de morte cometidos por esta causa não são poucos, afora os desforços pessoais. Também se sabe que jornalistas profissionais foram alvo privilegiado de todo tipo de atentado, em especial nas fases mais agitadas na vida do país (GALVÃO, 1994, p.16).

Conforme as considerações da autora, podemos cotejar o jornal como espaço de disputa política, o qual fazia a promoção social de mandatários. Isso pode ser evidenciado na reportagem que homenageou o coronel Sancho Ribas, o qual prendera Antônio Dó. O executor da prisão de Antônio Dó foi referenciado com palavras e outros “agrados” pelo jornal Gazeta do Norte em edição do dia 5 de julho de 1919. Sancho Ribas, assim como outros “grandes homens” da localidade, foi referenciado pelo ato heroico e ordeiro de ter executado a prisão de um “bandido” de alta periculosidade. Esses homens defensores da moral e dos

bons costumes foram aclamados pela imprensa com poesias ou textos elogiosos ante os serviços prestados para a cidade e região.

Mais do que promoção social, os jornais editados durante a Primeira República revelavam em suas reportagens a identidade de uma região onde imperava a violência. Muitos jornais da época registraram as imagens do poder. Nesse formato, o norte de Minas era divulgado como uma região de extrema violência e opressão.

São Francisco foi retratada como cidade violenta e com ocorrências de atuação de “bandidos sociais”, conforme apontam as publicações dos periódicos da região. A cidade de Manga⁴, por exemplo, também foi evidenciada nas páginas dos jornais como palco da atuação de homens violentos. Os periódicos noticiaram a emigração ocorrida na região devido à ação de jagunços e o conseqüente lucro dos coronéis com toda essa situação, visto que os emigrados viam-se obrigados a submeterem-se à “proteção” de algum coronel, diante da atuação dos bandidos. Esses coronéis, aproveitando da situação, aliciavam homens para agirem como jagunços em defesa de suas terras, patrimônio e, principalmente, em defesa de seus protegidos⁵.

Nesse entendimento, aferimos que no sertão do norte de Minas a imprensa do início do século XX contribuiu para fazer circular o conhecimento sobre fatos de violência e banditismo, ganhando expressão até mesmo nos jornais cariocas. Em certa medida, isso nos reporta às *fake news*, que, na atualidade, dão às publicações o tom de falácias, como as divulgadas em alguns órgãos midiáticos.

A reportagem seguinte, datada de 24 de fevereiro de 1920, foi publicada pelo jornal montes-clarense *Gazeta do Norte*. Essa notícia exemplifica as mencionadas alusões à violência, que imperavam no sertão norte-mineiro naquela época.

Lendo com verdadeira surpresa uma correspondência de “um mineiro”, publicada no “Rio Jornal” de 20 de novembro (...)

Diz, snr. Redactor, o “um mineiro” que o governo do glorioso berço da Martyr da Republica, tem luctado com innumeradas dificuldades na repressão do banditismo que infesta a nossa zona, porque desde o início da ingloriosa lucta de Carinhonha que o Cel. João Duque tem

⁴ Localizada aproximadamente 200 km de São Francisco.

⁵ Período em que ocorreu um grande fluxo de migração principalmente do Sul da Bahia para o Estado de São Paulo, que estava se industrializando devido à Primeira Guerra Mundial. Os barcos paravam nas cidades localizadas às margens do Rio São Francisco.

recebido de Januária, Jacaré, Morrinhos e Manga grande quantidade de armamento bellico com as respectivas munições e algum pessoal acostumado ao crime⁶.

Na reportagem entrevemos que o “poder”, tanto no norte de Minas como no sul da Bahia, era exercido por aqueles que possuíam maior influência junto aos coronéis. A força policial local se aliava aos jagunços, trabalhando juntos, sem distinção de lados. Somente quando recebiam ordens expressas para deterem os trabalhos uns dos outros é que tomavam lugares distintos no confronto. Caso contrário, atuavam juntos no combate aos homens “perigosos”, que, pretensamente, punham em cheque o poder dos latifundiários, como o ocorrido com Antônio Dó, conforme evidenciam o trecho seguinte:

Pessoas recém chegadas das regiões conflagradas de cocos e Alegres narram com as cores mais tetrilas e sombrias os horrores alli praticados. Nas suas passagens devastadoras pelas estradas, a força pública aliada a jagunçada da situação, atea fogo nas propriedades dos pobres infelizes labradores, espanca-os barbaramente e – miséria das misérias! – deshonra as suas cândidas e innocentes(sic) filhinhas. Esses infelizes roubados, espancados, ultrajados em sua causa que representa a justiça e a rasão(sic). E enquanto o chefe da situação de Carinhanha, indivíduo sem responsabilidade, em desespero de causa, mata, rouba, incendia, deshonra, o cel. Duque defende com honradez os seus direitos conspurcados, minorando os sofrimentos dos seus amigos.

[...]

Manga, 25 de dezembro de 1919. Antônio Alves Pereira⁷

A reportagem narra que viajantes presenciaram na região de Cocos e Alegres (BA) a Força Pública aliada a jagunços ateando fogo e espantando moradores pobres da região, e os causadores dessas e outras barbáries foram “acoitados” por chefes militares. Jornais descreviam os atos dos “bandidos”, criando imagens aterrorizantes. Não que a violência não existisse, entretanto as representações construídas corroboram uma “caricatura” do horror, que a imprensa fazia questão de enfatizar. Os bandidos ganhavam um perfil violento, os adjetivos empregados para referenciá-los variavam de “sanguinários” a “facínoras”. Os

⁶ Gazeta do Norte, 1920 – Fevereiro, 24 – sábado. Anno II – Montes Claros – nº 87, p. 3.

⁷ Gazeta do Norte, 1920 – Janeiro, 17 – sábado. Anno II – Montes Claros – nº 80, p. 3.

textos criavam um imaginário de personagens com aspectos sobrenaturais e criaturas fisicamente defeituosas, instituindo um entendimento de que as cidades da região do norte de Minas eram povoadas por “bandidos sanguinolentos e cruéis”. A respeito desse imaginário construído pela imprensa brasileira, Mariani comenta:

Analisar o discurso jornalístico é considerá-lo do ponto de vista do imaginário de uma época: o discurso jornalístico tanto se comporta com prática social produtora de sentidos, como também, direta ou indiretamente, veicula as várias vozes constitutivas daquele imaginário. Em suma, o discurso jornalístico integra uma sociedade, sua história. Mas ele também é história, ou melhor, ele está entranhado de historicidade (MARIANI, 1993, p. 31 a 42).

Conforme já mencionado, não se pode negar a existência desses personagens e até mesmo as suas condutas violentas e perigosas. Entretanto, observamos que, nos casos acima mencionados, as publicações dos jornais da época, em sua maioria, contribuíram para a construção de um perfil mais “desfigurado”. Em uma publicação do Gazeta do Norte, de 21 de junho de 1919, o redator descreve a figura de uma bandido que assombrou os moradores da cidade de Taiobeiras. De acordo com a reportagem, por medo, grande parte da população local se viu obrigada a abandonar seu lar e procurar abrigo no mato.

Pelos Municípios

Tayobeiras

Apareceu na prospera localidade de Tayobeiras deste município, um indivíduo que fazia chamar-se Leonídio e ter vindo dos lados de Fortaleza. Confessa cynicamente (sic.) o dito bandido já ter feito 24 mortos e que espera seus companheiros ali para saquearem o comércio como fizeram em “Água Vermelha”, porém impacientando-se com a demora daquelles, resolveu, mesmo só, ir mostrando bravuras no sei estúpido modo de pensar, começando por assassinar a Candido de tal, pobre pai de 11 filhos. Candido embriagando-se em uma casa discutia com o indivíduo José Pretinho quando chegou a terrível fera, insaciável de sede do sangue humano e sem mais nem menos foi disparando um tiro de Browng sobre a infeliz victima(sic) que imediatamente cahiu ouvindo as palavras

do monstro – não agüentou mais de um tiro? Pegue nesta porcaria José Pretinho e vamos pol-o (sic) no cavallo para ir fazer carniça fora daqui, e assim fizeram, quando a victima exalava o ultimo suspiro. Continuando no Povoado, a fera bramindo por todas as casas, amedrontando todos aquelles habitantes até o subdelegado a quem promettera fazel-o(sic) engolir com sangue qualquer parte que delle desse por que pretendia completar a obra com dois assassinatos na sexta-feira santa e fazer aleluia no sabbado com mais alguns. Deste modo espalhava terror por toda parte a ponto da maior porção dos habitantes terem abandonado seus lares e procurarem abrigarem-se nos Mattos, pois não só tinham medo daquela (sic.) fera como também aproximava-se a chegada de muitos outros iguais⁸.

A matéria segue descrevendo outros atos de violência do acusado, como extorsão de dinheiro aos moradores locais e um fato ocorrido na Sexta-Feira Santa daquele ano, no qual atirou em um homem que veio a falecer dois dias depois. Tal fato causou a revolta dos moradores, porém, segundo a matéria, o acusado atirou em pelo menos vinte homens que tentavam bater nele. A descrição minuciosa do bandido e a linguagem usada para retratá-lo aterrorizavam e amedrontavam os moradores. A construção deste medo é justificada por Moraes, que explica: “É por meio do imaginário que se podem atingir as aspirações, os medos e as esperanças de um povo” (MORAES, p.1, 1997).

O Banditismo não ocorreu só em São Francisco e não tinha como “astro rei” somente Antônio Dó. A história de Dó e de outros, que como ele teve vida errante e voltada para o crime, foi trajetória que navegou entre a realidade e a fantasia, nas páginas dos periódicos da época. “Bandidos”, “errantes”, “coitados”, “heróis”, distintas expressões foram utilizadas nas publicações que relataram as trajetórias desses homens. A história de Antônio Dó, assim como a de seus “jagunços”, é uma mistura de fatos, que foram registrados e documentados pelos jornais, como sendo o “cangaceiro das barrancas do São Francisco”.

Durante a República Velha, as publicações dos jornais locais retratavam o norte de Minas como um celeiro de violência. Em outra reportagem do jornal Gazeta do Norte, novamente é destacada a figura de homens perigosos que aterrorizavam a população, desta vez na cidade de São João do Paraíso, distante 253 km de Montes Claros.

⁸ Gazeta do Norte – 21-VI – 1919. Anno I, Montes Claros. Nº 51, p. 3.

Pelos Municípios

São João do Paraíso – O banditismo no norte

Há poucos descansou o espírito da maior parte do povo residente em Água Vermelha, Curral de Varas e muitos arraiaes pertencentes a cidade de Salinas, Villa de fortaleza, não se fallando no Estado da Bahia, que também foi envidido pelos fascinoras Renerio de Souza Teixeira, João Eloy e Zeferino vulgo Seis Dedos, personagens eximos na arte do roubo, desordem e tudo quanto se pode imgainar de nocivo ao público. Em Água Vermelha roubaram e incendiaram a casa de negócio do cidadão Arcellino Antunes da Luz, que não tendo força para repelilo-os, correu deixando o seu lar ao desamparo e entregue aos bandidos, tendo desaparecido em dinheiro 5:000\$000 não fallando em artigo que conduziram e nos dias que as portas passaram abertas, deixadas pelos mesmos, que infallivelmente alguns aproveitaram retirando o que era possível. (...) São João do Paraíso, 28- 7 – 1919. (O correspondente) ⁹

As descrições, tanto dos indivíduos quanto de suas ações, são ricas em detalhes, caracterizando-os como bandidos de alta periculosidade. Aqui não nos interessa questionar se de fato o bandido era perigoso ou não, como descreve a reportagem, mas importa-nos entrever o sistema de representações políticas produzidos à época dos fatos narrados nas páginas dos periódicos. Considerando as conjecturas deste estudo, especificamente no caso de Antônio Dó, ponderamos que nas representações produzidas por cada época o verdadeiro e o ilusório não estão isolados. Conforme discorre Baczko:

[...] pelo contrário unem-se num todo, por meio de um complexo jogo dialético. É nas ilusões que uma época alimenta a respeito de si própria que ela manifesta e esconde, ao mesmo tempo, a sua “verdade”, bem como o lugar que lhe cabe na “lógica da história” (BACZKO,1985, p.303).

Assim, de acordo com as proposições do autor, podemos abranger que na região norte do Estado de Minas o poder controlava os meios que formavam e guiavam a imaginação coletiva. Através dos imaginários sociais, a coletividade designava a identidade violenta da

⁹ Gazeta do Norte, 23 agosto 1919. Anno II, Montes Claros. Nº 59, p. 3.

região, elaborava uma representação desta e estabelecia papéis e posições sociais, exprimindo e impondo crenças comuns, construindo heróis e anti-heróis como Antônio Dó, por exemplo.

Moreira (2010) corrobora que a trama de Antônio Dó, bem como a imagem que a imprensa construiu dele, é o resultado daquilo que se processou durante dois séculos de exploração política e social da região norte-mineira. Para o autor,

A história de Antônio Dó, assim como a de seus “jagunços”, é uma mistura de fatos, registrados e documentados, por jornais, inquéritos etc., e lendas (a maior parte), estas contadas, recontadas e aumentadas em cada lugar por onde se pergunta sobre aquele serrano, “cangaceiro das barrancas do São Francisco” (MOREIRA, 2010, p. 71).

Até a década de 1930, a cultura política do norte de Minas teve como componente principal a oligarquia, cujo poder estava sob o comando de um pequeno grupo de pessoas, que pertenciam ao mesmo partido, classe ou família. Esse grupo controlava os principais postos, tanto na política local quanto supralocal. Assim, ao longo de todo o século XX, representados pelos “coronéis”, esse grupo estruturava práticas que configuravam e modelavam a cultura política da época (MOREIRA, 2010).

Moreira (2010), ao analisar a formação de personalidades rebeldes, não domesticáveis, representada na trajetória de Antônio Dó, argumenta que:

A saga de Antônio Dó, antes de uma peleja entre vizinhos, tem todo o seu traçado marcado pela dinâmica de um sistema político violento, personalista e paternalista. Tem seu enredo às sombras da Primeira República e seu sistema foi muito bem caracterizado pelo que descreveu John Wirth (1982) em seu estudo sobre Minas Gerais no primeiro período republicano (MOREIRA, 2010, p. 97).

Nas palavras de Moreira (2010), a violência, o personalismo e o paternalismo foram os valores que permearam a cultura política da região. Esses valores, segundo o autor, estruturam-se ao longo do processo de povoamento, ocupação e estruturação da comunidade política regional muito antes do regime republicano. Após a queda da monarquia e sua substituição pela República, os grupos detentores do poder se reestruturaram para se inserirem na nova ordem marcada pelo federalismo e pelo regime representativo de base maior. Nessa nova conjuntura, os chefes locais, através do controle e

manipulação dos processos eleitorais, determinaram um conjunto de práticas que, somadas às já existentes do período anterior, funcionaram como elemento modelador e configurador da cultura política norte-mineira.

Conforme ponderamos em nossa pesquisa – Rodrigues (2005) –, o contexto histórico em que viveram Antônio Dó e seu bando foi marcado pelo excesso de intervenções na administração local por parte dos interesses particulares. Na época, os homens que exerciam o poder não limitavam suas ações para conseguir o que queriam e, conseqüentemente, “retiravam” ou eliminavam do caminho as pessoas que não estavam de acordo com suas vontades (RODRIGUES, 2005, p.4).

Como vemos, Antônio Dó encarna um herói antagonico, que viveu conflitos de classe e ascendeu socialmente, para os padrões regionais, mas, ao mesmo tempo, foi marginalizado por uma classe dominante. Tendo vindo de fora, do sertão baiano, da fazenda do Salitre, em Pilão Arcado, Dó e sua família adquire direitos sobre consideráveis parcelas de terra às margens do rio São Francisco. A partir daí, à custa de muito trabalho, ele e sua família veem a vida prosperar. Todavia, essa possível pacatez chegou ao fim em 1909, quando um seu vizinho, chamado Chico Peba, o qual dominava a política local, combina com Maurício Rocha, um pequeno sitiante, de apropriarem-se de um pedaço de terra de Arcângela, a companheira de Dó. Nesta contenda, o Capitão Américo, favorecendo os interesses de Chico Peba, humilha, agride com chibatadas e prende Antônio Dó.

Não tendo se encontrado no lugar que escolheu para viver e a fim de reaver seu lugar, Dó lutou com as armas que possuía, tornando-se um misto de jagunço, herói e mito. Nas lutas contra as forças policiais, o destemido bandoleiro, como era retratado nas páginas dos jornais locais, sempre se safava, não havendo inimigo que conseguisse derrotá-lo. Nem o mais temido dos militares, o Felão, conseguiu vencer Antônio Dó e seu bando. Algumas publicações reportaram a morte de Dó, apresentando versões variadas para o evento. Em 1913, o jornal Estado de Minas publicou na coluna “Diversos” duas reportagens informando os acontecimentos em São Francisco. A primeira noticiava um ataque liderado por Dó e o deslocamento de policiais para a região de São Francisco.

Carece de fundamento a notícia divulgada por alguns jornaes (sic.) de haver Antônio Dó atacado a cidade de S. Francisco, à frente de numerosos grupo de desordeiros. Despachos Telegraphicos hontem (sic) transmitidos à Chefia de Polícia pelo sr. Dr. Arthur Furtado, delegado auxiliar incumbido de apurar o que de anormal se passára

no longínquo município norte-mineiro, reduzem a seus justos termos as ocorrências havidas. Antônio Dó, acompanhado de 17 camaradas armados de carabinas, praticou um roubo nas vizinhanças da cidade. O delegado de polícia da comarca de Januária, que seguira para o local do crime, organizou processo e, obtidos os mandados de prisão, encarregou do desempenho da diligência alferes João Baptista de Almeida que, commandando um contingente de 24 praças municipais, um guia e um official de justiça, partiu ao encaço de Antônio Dó e seus sequazes, já então à distância de cinco léguas de S. Francisco.¹⁰

Segundo a reportagem, após várias buscas, a Força Pública foi atacada de surpresa, ocasionando, com o tiroteio, a morte de dois soldados e um membro do bando de Antônio Dó. A Força Pública se refugiou em uma Ilha existente no rio, e o delegado abriu inquérito. A segunda publicação mencionava que, em troca de tiros com a polícia, Antônio Dó teria sido assassinado.

Telegrammas transmitidos de Januária e S. Francisco, ao sr. Chefe de Polícia, noticiam que a força que sahira em perseguição de Antônio Dó e seus companheiros, teve com elles um encontro no logar denominado “Vargem Bonita”, a 20 léguas de distancia da primeira daquellas cidades. Os criminosos, contra os quais já haviam mandado de prisão, receberam a força a tiros, travando-se então, durante mais de quatro horas, renhido tiroteio, de que resultaram ferimentos em dois soldados e a morte de Antônio Dó e alguns de seus companheiros.

Não há outros pormenores, que a chefia espera em despachos posteriores, tendo sido expedidas ordens urgentes ao delegado auxiliar para se dirigir ao local onde ocorreram esses factos, tomar delles conhecimento em detalhado inquérito e prestar mais completas informações.¹¹

Essa reportagem não diz a verdade sobre a morte de Antônio Dó, pois esta aconteceu em função de uma “tocaia” feita por um dos seus jagunços, fato que aconteceu 16 anos depois, em 1929, e não em 1913, conforme data do jornal citado. Em 1920, Antônio Dó voltou a ser manchete do jornal Gazeta do Norte, desmentindo a publicação do dia 21 de junho de 1913,

¹⁰ Minas Gerais, 13 de Junho de 1913. Diversas, p. 4.

¹¹ Minas Gerais, 21 de Junho de 1913. Diversas, p. 4.

na qual Antônio Dó teria sido assassinado. Nesta reportagem, foi mencionada a entrada de Antônio Dó na cidade de São Francisco, sendo que sua volta se devia à cobrança de uma dívida. As reportagens deixam evidente que as autoridades responsáveis pela segurança local não conseguiam conter a violência, colocando em xeque a atuação da força policial. O descaso, como o próprio jornalista menciona, era frequente, a polícia era despreparada e aliciava homens de qualquer procedência, não os instruíam para o confronto, o que possibilitava a Antônio Dó um comportamento semelhante ao dos jagunços.

Nove anos após, nova reportagem foi publicada pelo jornal Estado de Minas, desta vez de fato a notícia da morte de Antônio Dó. E esta aparece com uma manchete bastante chamativa e com a única foto já vista do “bandido”. O texto da reportagem traz evidência de que a população local estava aliviada ao saber do assassinato do facínora.

Um “astro” no crime que desaparece: foi assassinado na Serra das Araras o famoso Antônio Dó.

O sertão do São Francisco vem de perder a sua figura característica. Desaparece do cenário rude daquela região, o mais terrível bandoleiro que por ali tem existido. Antônio Dó, o perseguidíssimo facínora (sic.) que, quinta-feira última (14/II/1929) cahiu (sic.) massacrado pela fúria de um dos seus (...) é o typo-padrão, o símbolo desses malfeitores em (...) e se mentranhas, pesadelos das populações sertanejas – que em certas épocas, surgem no interior de Minas a praticar infundáveis trop... e inusitadas crueldades.

São (...) vermelhos, de (...) que pontilha sua trajetória sinistra, de uma infundável série de crimes. Felizmente Antônio Dó morreu.

Podem, agora repensar tranquilas as inúmeras possibilidades que elle aterrorizou por tanto tempo, noradamente a cidade de São Francisco o alvo predileto da sua vandálica cúbica.¹²

¹² Belo Horizonte, terça-feira, 19 de novembro de 1929. Anno II.



Fonte: RODRIGUES, Rejane Meireles Amaral. Antônio Dó: um bandido social das margens do Rio São Francisco – 1910/1929”. Dissertação de Mestrado: UFU: Uberlândia, 2004, p. 115.

No contexto em que o termo “astro” foi utilizado, é possível questionar: Antônio Dó era um astro, cuja fama foi imposta aos mandatários da região, em defesa daqueles que não tinham a quem recorrer? Ou simplesmente seria mais um bandido sanguinolento, que amedrontava os moradores de São Francisco e cidades circunvizinhas, beneficiando-se da destreza e coragem que possuía para conseguir o que queria?

Na reportagem seguinte, fica evidente que a intenção do jornalista era descrever o “astro” malfeitor, dando aos leitores do jornal a informação de que o norte de Minas havia se livrado da maior de todas as pragas ali arraigada. A notícia também menciona a satisfação da população com a morte do bandoleiro, o qual agora era referenciado como um “tigre”.

A MORTE DO “TIGRE”

Com quanto noticiado o assassinato de Antônio Dó, nenhuma informação segura do facto, possuíra o Estado de Minas. O telegrama, hontem (sic.) recebido por este jornal, veio, porém (...)

qualquer dúvida a respeito permitindo até, pormenorizar-se o caso, tal qual se passou.

São Francisco, 17 (Est. Minas) - foi assassinado quinta-feira, em sua fazenda na Serra das Araras, o chefe de bandidos Antônio Dó. Matou-o, um dos jagunços por elle contractados (sic.) para assaltar esta cidade, acontecimento previsto para os meados de dezembro. Antônio Dó, havia prometido generosa paga aos seus novos jagunços, conservando-os hospedados em sua casa. No dia do crime, ao ir, o de nome de Silvino de Jesus, o “corta Orelhas” pediu-lhe o salário combinado, Dó, zangou-se respondendo-lhe desabridamente. Pouco bastou para que o (...), pelas costas, o agredisse (sic.) com uma “mão de Pilão”, dando-lhe firmudável (sic.) pancada na cabeça. O celebre salteador cahiu (sic.) sem sentidos. Silviano, com medo das conseqüências do sei gesto, redobrou então as pauladas até reduzir-lhe a papa a cabeça.¹³

Esses interstícios presentes nas publicações dos jornais locais nos permitem abranger o contexto histórico em que se passou a história de Antônio Dó, bem como as questões políticas que se interpunham por trás daquelas narrativas carregadas de assombro, alardeando a imagem de homens perigosos, de facínoras, que deviam, por força policial, ser banidos do seio da sociedade, da convivência com os “homens de bem” daquelas localidades e adjacências.

Tudo isso também nos leva ao entendimento de que a violência cometida por Dó, bem como por outros homens igualmente violentos, era prática comum naquela região, naquele contexto. Assim, aferimos que o poder no período analisado era conseguido de forma pouco comum, isto é, por meio da violência ou através de manobras e favorecimento políticos, como foi o caso de Dó e dos demais hostilizados pelas forças políticas locais, cujas histórias encontramos estampadas nas páginas dos periódicos da época.

Conclusão

Assim, em conclusão às ponderações aqui expostas, com base na análise do acervo de alguns periódicos da imprensa norte-mineira, como o jornal Gazeta do Norte, ponderamos

¹³ Belo Horizonte, terça -feira, 19 de novembro de 1929. Anno II.

que os discursos e representações erigidos em torno da história de Antônio Dó e de outros homens igualmente “perigosos” podem ser abrangidos como publicações falaciosas, que procuravam, naquele contexto histórico, entre outros aspectos, efetivar a manutenção dos mandatários locais.

Da mesma forma, a análise dos periódicos nos possibilitou delinear a violência construída pela imprensa naquele período, colocando em destaque a figura de Antônio Dó como um dos tantos homens violentos que existiram no sertão norte-mineiro. A análise das reportagens confirma também que a Força Pública não estava preparada para deter a violência que assolava a região. O poder público ou as pessoas que ocupavam cargos públicos se beneficiavam de “atos violentos” para recrutar um grande número de pessoas sob seu poder.

O discurso dos mandatários pode ser vislumbrado nas páginas dos jornais por meio das extensas reportagens que edificaram uma representação da violência e de homens violentos, cujas ações amedrontavam e assombravam a população do norte de Minas. Em nenhum dos jornais pesquisados foram encontradas reportagens que abordassem acerca dos motivos que levaram Antônio Dó a se tornar um homem violento e perigoso. Petrônio Braz (BRAZ, MIMEOGRAFADO), em sua obra “Serrano de Pilão Arcado”, relata sobre quando Dó e familiares se estabeleceram nas terras norte-mineiras e esses relatos dão conta de que se tratava de um homem ordeiro, trabalhador e honesto. De tal modo, ajuizamos que, em grande medida, as publicações da imprensa jornalística contribuíram para que se criasse uma imagem aterrorizante de Antônio Dó, de um homem sanguinolento, sem escrúpulos, um malfeitor. Alguns outros homens também mencionados pela imprensa foram “algozes da sociedade”, vítima de homens de violência nata.

A nosso ver, o sensacionalismo, e aqui reportamos ao termo *fake news*, o qual motivou a discussão proposta neste estudo, está presente nas reportagens dos jornais da época, tendo reportado deliberadamente notícias falsas cercadas de outras verdadeiras, criando um aforismo em torno da figura de Antônio Dó, por meio do uso excessivo de termos e expressões pejorativas, muitas delas caluniosas, disseminando o ódio e o medo na população local.

Outra característica, que pode configurar a prática de falseamento de notícias em torno da imagem de Dó, foi a ideia de que o sertanejo só conheceu a violência como forma

de resolver as questões pertinentes ao seu cotidiano, e que quanto mais afastado da “civilização”, mais a violência está arraigada no homem sertanejo.

Constatamos que há uma fixação progressiva da imagem de Antônio Dó, nos jornais que pesquisamos. Identificamos que a imagem construída pelos jornalistas é marcada pelo preconceito. O personagem aparece em 1913 como sendo um malfeitor que está invadindo e ameaçando São Francisco e esta imagem vai se perpetuando à medida que a imprensa escrita registra não só a atuação do seu bando, como a tentativa da Força Pública em detê-lo. Ao registrar sua morte, fica evidente a ideia de que o ícone da violência norte-mineira não existe mais, foi exterminado. E, posterior à sua morte, a necessidade de afirmar o perfil de bandido e malfeitor volta à imprensa, o que nos leva ao entendimento de que havia por parte dos jornais locais o interesse em cristalizar a imagem de Antônio Dó como um bandido violento, perigoso, justificando, assim, o seu banimento do seio da sociedade local.

Referências

ALTARES, Guillermo. A longa história das notícias falsas; Jornal El País. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/08/cultura/1528467298_389944.html. Acesso em: 10 mar. 2020.

BACZKO, Bronilaw. Imaginação Social. In: **Enciclopédia Einaudi**. V. 5 Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985, p. 303.

BRAZ, Petrônio. **Serrano do Pilão Arcado: A saga de Antônio Dó**. Mimeografado.

DANGELO, Newton. **Vozes da cidade: Progresso, Consumo e Lazer ao som do Rádio**. Uberlândia/MG 1939-1970. São Paulo: Puc/SP (Tese Doutorado). 2001, 319 f.

GALVÃO, Walnice Nogueira. **No calor da hora. A guerra de Canudos nos jornais**. 4ª Expedição. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1994 p. II.

LUCA, Tânia Regina de. *História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (org.) **Fontes Históricas**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

MARIANI, Bethânia. Os primórdios da imprensa no Brasil (ou de como o discurso jornalístico constrói memória) em Orlandi, Eni (org.) **O discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional**. S.P. Campinas, Pontes, 1993, p. 31 a 42.

MARQUES, Jamil. **Que desafios as fake news impõem ao jornalismo e à política?**. Disponível em: www.gazetadopovo.com.br/opiniaio/artigos/que-desafios-as-fake-news-impoem-ao-jornalismo-e-a-politica. Acesso em: 10 mar 2018.

MORAES, Denis de. **Notas sobre o imaginário social e hegemonia cultural**.1997. p.1. disponível em: [www. Uff. Br/mestcii/ccai.htm](http://www.Uff.Br/mestcii/ccai.htm)

RODRIGUES, Rejane Meireles Amaral. **Antônio Dó: um bandido social das margens do Rio São Francisco – 1910/1929**”. Dissertação de Mestrado: UFU: Uberlândia, 2004, 142f.

_____. Oralidade as várias faces de Antônio Dó. In: **Revista de História e Estudos Culturais**. Abril/ Maio/ Junho de 2005 Vol. 2 Ano II nº 2.

Recebido: 06 de julho de 2020

Aprovado: 26 de novembro de 2020